

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL (DCOS)

CURSO DE JORNALISMO

VALTER DAVI OLIVEIRA DANTAS

REVISTA *DESBARATINO*:

artistas que movimentam a cultura sergipana

São Cristóvão

2024

VALTER DAVI OLIVEIRA DANTAS

REVISTA *DESBARATINO*:

histórias de artistas sergipanos

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo. Orientadora: Profa. Dra. Michele da Silva Tavares

São Cristóvão

2024

AGRADECIMENTOS

O processo da graduação, que começou em períodos turbulentos e tenebrosos, se encerra aqui, com a revista *DESBARATINO*. Esse trabalho demarca o fechamento de um ciclo longo, cheio de marés, ondas e calmarias. Aprendi muito com o caos, mas aqui eu prefiro agradecer àqueles que me mostraram a calmaria de viver através de conversas, risadas, choros e silêncios. A Universidade Federal de Sergipe foi um lugar que me deu muita base para me tornar quem eu sou, por isso deixo aqui, também, o meu obrigado.

Agradeço os meus pais, Ione Borges e Miguel Dantas, que sempre acreditaram que eu sou capaz de alcançar tudo o que eu me propuser. Que me viram partir para longe na certeza de que eu encontraria o meu lugar no mundo. Com vocês eu pude ver a angústia de ter o seu filho longe, mas também vi a alegria em vê-lo conquistar cada sonho. Amo muito vocês.

Minha irmã, Luana Oliveira, como também a minha sobrinha, Luna Tavares, e o meu cunhado, João Paulo. Obrigado por me darem um lar assim que cheguei. Vocês foram essenciais para que eu pudesse me sentir em casa, mesmo quando tudo era mais incerto do que o amanhã. E, especialmente à minha irmã, obrigado por cada ensinamento que você me deu desde sempre, te amo.

Minha família foi muito especial para mim, mesmo com alguns distantes, eu sempre tive a certeza que acreditavam em mim e onde eu posso chegar. Mas deixo aqui os nomes de Iasmim Oliveira e Isaac Oliveira, primos que se tornaram meus irmãos. Obrigado pela parceria e pelo carinho que a gente sempre possuiu.

Agradeço, também, aos meus amigos, com eles eu pude me distrair dos problemas que a vida colocava sobre as minhas mãos. Iara, Fabrícia, Sabrinna, Rodrigo, Cleisson, Letícia, Samara e Emanuel. Vocês me deram outros olhos para enxergar o pôr do sol, me mostraram que viver é muito mais que estar vivo. Amo cada um de vocês.

Obrigado, Isabel, Larissa e Emily, irmãs que eu pude conhecer na faculdade. Durante esses quatro anos de graduação, a nossa amizade passou por diferentes momentos. E entre distâncias e aproximações, vocês me asseguraram que o abraço mais tranquilizador é aquele que é carregador de amor. Vou sentir saudades das nossas convivências, das nossas fugas ao Moura, dos choros e risadas nas escadas das didáticas. Amo vocês.

Minhas melhores amigas, Amanda e Isabella, que, mesmo tão distantes em quilômetros, conseguem se manterem perto de mim e me ajudarem a enfrentar esse mundo. Vocês remaram comigo oceanos turbulentos e apreciaram junto a mim uma colheita cheia de frutos saborosos. Mal vejo a hora de nos encontrarmos, amo vocês.

Agradeço à minha orientadora e professora, Michele Tavares. Me lembro bem de cada aula sua, em que eu saía com o peito estufando de vontade de produzir, de me afundar nos estudos e de planejar o meu futuro no jornalismo. Obrigado por cada risada, puxão de orelha e apoio.

Quero agradecer também o meu psicólogo, Edson Neto, por ter me tranquilizado e ter permitido que eu colocasse todas as minhas dores para fora na certeza de que eu estaria seguro.

RESUMO

Este memorial registra a produção da revista impressa *DESBARATINO*, uma revista de Jornalismo Cultural que é pautada por artistas que estão no estado de Sergipe movimentando o circuito cultural. A revista também tem o intuito de dar visibilidade a esses artistas, aos seus trabalhos e para que mais pessoas conheçam e consumam a arte que é produzida em Sergipe. Os exemplos de artes que serão abordados na revista: culinária, literatura, artes visuais, tatuagem, música, movimentos culturais e cinema.

Palavras-chaves: Revista; Jornalismo Cultural; Artistas; Sergipe.

ABSTRACT

This memorial records the production of the DESBARATINO magazine, a cultural journalism magazine that features artists who are in the state of Sergipe and who are moving the cultural circuit. The magazine is also intended to give visibility to these artists, their work and for more people to know and consume the art that is produced in Sergipe. The examples of art that will be covered in the magazine are: cooking, literature, visual arts, tattooing, music, cultural movements and cinema.

Keywords: Magazine; Cultural Journalism; Artists; Sergipe.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa da edição de número 10 da revista Morel.	26
Figura 2 - Capa da edição de número 23 da revista Cumbuca	26
Figura 3 - Capa da edição de número 278 da revista Continente	27
Figura 4 - Capa da edição de número 0 da revista Pernambuco.....	28
Figura 5 - Capa da edição de 2023 da revista DAZED	28
Figura 6 - Capa da edição de abril de 2024 da VOGUE Magazine.....	29
Figura 7 - Capa da edição de setembro de 2024 da revista ELLE Brasil	30
Figura 8 – Logomarca revista DESBARATINO.....	30
Figura 9 - Série “Brasília teimosa”, de Barbara Wagner (2005-2007).....	32
Figura 10 - Paleta de cores da revista DESBARATINO.....	33

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. ABRINDO OS OLHOS PARA O JORNALISMO CULTURAL	10
3. O QUE É CULTURA NO JORNALISMO?	13
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	14
4.2. Os resultados	15
4.3. O movimento cultural no Brasil.....	15
4.4. A arte em Sergipe.....	17
5. JUSTIFICATIVA DO SUPORTE	19
6. O JORNALISMO LITERÁRIO EM HISTÓRIAS DE VIDA	20
7. PROJETO EDITORIAL	23
7.2. O produto	23
7.3. Conceito e nome	23
7.4. Princípios editoriais	24
8. PROJETO GRÁFICO	24
8.1. A marca	29
8.2. A capa	30
8.3. Editorias	30
8.4. As cores.....	31
9. PAUTAS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

1. INTRODUÇÃO

O projeto experimental que finaliza os meus anos de graduação em Jornalismo é fruto de uma inquietação minha e de uma observação atônita sobre o mundo cultural em Sergipe. E, muito além disso, a revista concretiza o meu maior objetivo desde que entrei na universidade: contar histórias de quem grita e não ouvem. Esse pensamento passou por muitos devaneios e vertigens durante o meu processo de graduação, mas, de fato, ele persiste até hoje.

Um outro motivo para a criação desse projeto é a minha aproximação com a arte. Antes de ouvir outros artistas, precisei primeiro me ouvir, sentir a minha arte e o jeito que ela consegue ser meu refúgio nos piores dias. Há anos escrevo histórias que subjetivamente me refletem, com a escrita consegui desbravar partes de mim que nunca tinha conhecido antes. Carrego em mim uma fala poderosa de Clarice Lispector em *Um sopro de vida* (1999): “Eu escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém. Provavelmente a minha própria vida”.

Outra convergência em minha história, é a saída de um estado para outro em busca de estudo, trabalho, autonomia e redescobrimto. Um caminho que trilhei sozinho, mesmo acompanhado, um caminho que me mostrou diversas encruzilhadas, e dentre tantas decisões e escolhas, consigo me manter sóbrio e consistente em cada mudança que escolho passar. Minha arte permanece onde quer que eu vá, e muitos outros, como a mim, também precisam sair de suas casas para encontrar um outro lar.

Após isso, consegui perceber que essa experiência não se limitava só a mim, que era uma endemia entre as pessoas que precisam da arte para se movimentar. Muito dessa sobrevivência não está apenas na salvação psicológica, no refúgio das questões emocionais e sentimentais, e sim na sobrevivência financeira.

Sempre que frequento eventos culturais aqui em Sergipe, ouço dos artistas, que estão apresentando os seus trabalhos, que aquilo é muito importante para eles, afirmam também como é difícil conseguir espaços em determinados lugares que irão dar mais visibilidade e consequentemente irão pagar mais pela produção deles.

Essa discussão sai desse mundo offline e entra com mais força nas redes sociais. Frequentemente percebo os artistas demonstrando frustrações e desânimos em suas carreiras por sentirem enormes dificuldades em levar os seus trabalhos para mais pessoas, em serem vistos, em receberem apoio estatal através de eventos e editais. Muitas reclamações são levantadas e poucas vezes são atendidas. Mas um ponto permanece: nunca conseguem largar a arte.

A revista *DESBARATINO* surge com o intuito maior de dar visibilidade aos artistas que estão aqui no estado de Sergipe, sejam sergipanos ou não, mas que fazem o circuito cultural desse estado se movimentar grandiosamente. Ela servirá de ponte entre os produtores de arte e a sociedade. Esse objetivo se torna importante após o constante desânimo relatado por artistas em seus meios artísticos. Como ressaltado anteriormente, o desconhecimento dos artistas assola tanto os próprios criadores quanto a sociedade consumidora. Artistas que sentem dificuldades em serem vistos, em mostrarem os seus trabalhos, implica em uma dificuldade em arrecadar renda para o autossustento. Do outro lado, percebe-se o desconhecimento de não-artistas em saber quais artistas estão produzindo arte aqui no estado de Sergipe.

Dessa forma, nesse memorial descritivo trago o debate sobre o jornalismo cultural. Resgato o início do seu surgimento, as suas dificuldades para se estabelecer no mercado jornalístico e os seus processos para se tornar uma editoria. Nesses pontos, também são destacados escritores que foram fundamentais para a construção e disseminação desse jornalismo, como é o caso de Machado de Assis e Clarice Lispector.

Em seguida, esclareço os métodos que utilizei para levantar dados que mostram a necessidade de haver um produto jornalístico que apresente para a sociedade sergipana e do Brasil sobre a vida dos artistas daqui. Através de perfis, entrevistas, ensaios e colunas que contam uma parte da vida deles, uma vida que não existiria sem arte.

Por último, desenvolvo o projeto editorial e gráfico da revista *DESBARATINO*. O que foi preciso para que a revista ganhasse forma, as pautas das seções, o estilo gráfico que a torna única e original. É a partir de cada detalhe que a revista vai se formando, cada peça desse corpo tem a sua singularidade, mas que são fundamentais para formar um todo que a diferencie das demais revistas culturais.

2. ABRINDO OS OLHOS PARA O JORNALISMO CULTURAL

Assim como o Jornalismo tardou a ser produzido aqui no Brasil, a prática do jornalismo cultural também demorou a se desenvolver. Ele começou a ter força no século 19, a partir do jornal *Correio Braziliense*, com seções que abordavam temas de literatura, artes e ciência. Porém, o espaço para esse jornalismo era tão desvalorizado, que restava apenas os rodapés, lugar em que na primeira oportunidade era cortado durante a edição.

Foi nesse período que a forma que o jornalismo cultural era pautado se dava a partir de textos literários e críticas literárias (Gonçalves, 2013). A partir de crônicas, escritores, embora

muitas vezes não eram jornalistas, escreviam sobre percepções de algum acontecimento ínfimo da vida deles, alguma observação sobre o mundo e sobre as pessoas. Machado de Assis foi um dos precursores do movimento cultural nos jornais. O escritor carioca disseminou a sua literatura através dos folhetins, e era nesse formato que também se destacavam as críticas literárias. Através dos folhetins, a população foi tomando conhecimento sobre literatura, arte e cultura.

Esse aspecto se assemelha à época da prensa de Gutemberg, em que a partir da maior impressão de livros e jornais, cresceu também a alfabetização da população. Em uma comparação rápida, podemos inferir que a alfabetização da sociedade sobre cultura se dá da mesma forma que a impressão. Quanto mais repercute, mais pessoas tomam conhecimento.

Outra escritora que ganhou mais destaque no Brasil através das suas crônicas, foi Clarice Lispector (Barreto,2006). A recifense publicava as suas crônicas em uma seção especial e semanal, o *Caderno B*, do *Jornal do Brasil*. Os seus textos ganharam notoriedade pela forma crua e insípida de enxergar a vida. Clarice não se limitou à crônica, também se tornou colunista em revistas femininas em que escrevia sobre formas de viver para as mulheres. Com o espaço e a visibilidade que ia ganhando, Clarice se destacou como romancista, cronista, contista, jornalista e além de tudo como tradutora – este último, a autora mesmo destaca que odiava traduzir, mas traduziu grandes nomes da literatura, como Agatha Christie, Edgar Allan Poe, Julio verne e entre outros.

Partindo para o século seguinte, Frantiesco Ballerine (2015) afirma que foi nesse período que o jornalismo cultural levantou mais uma discussão: a baixa qualidade da produção. Vale destacar alguns pontos importantes que levantam esse debate, são elas 1) a falta de investimento; 2) a falta de espaço nos jornais e nas editorias; 3) a falta de jornalistas culturais nas redações. Ainda de acordo com Ballerine (2015), esses pontos ainda aparecem no jornalismo cultural de hoje, em que os espaços estão cada vez menores e não há a contratação de jornalistas especializados em escrever sobre cultura.

Nesse movimento em que o Jornalismo Cultural aparece através da literatura (Barbosa, 2007), foi só nos anos 1950 que surgiram os primeiros suplementos literários. Foi, então, durante a ditadura do Estado Novo que o Jornalismo começou a sofrer uma delimitação. Os jornalistas e os donos dos jornais começaram a definir mais precisamente o fazer jornalístico. Colocaram cada termo em seu quadrado e as definiram como partes de um todo, juntas se uniam para formar o jornal.

Os suplementos literários eram vistos como um espaço de resistência (Travancas *apud* Ballerini, 2015) diante dos moldes jornalísticos das notícias mais rápidas, diretas e que não instigam o pensamento crítico. Outro destaque que os suplementos traziam, era o fato de servir como um palco para novos artistas. Ali se tornou um meio de inserir escritores no mundo literário. No entanto, apesar desse objetivo ser atraente aos olhos, para que os novos escritores pudessem ter os seus textos circulando nos suplementos, eles precisariam conhecer um colaborador do suplemento. Através de contato é que você ganha espaço.

Um objeto de leitura em ascensão, bastante consumida pelo público, era um lugar perfeito para ganhar visibilidade, no entanto esse espaço se restringia a poucas pessoas (Ballerini, 2015). Era um lugar de visibilidade para alguns, e de esperança para muitos. Esse diálogo percorre pelo Jornalismo Cultural até hoje. Mas ainda há muito o que explorar nesse segmento, visto que não possuímos uma conceituação definitiva do que seja de fato Jornalismo Cultural.

“O jornalismo cultural faz a melhor mediação entre arte e público no quesito “visibilidade da oferta”. E ele deve sempre trabalhar diante da tensão permanente entre a divulgação da tradição e a sensibilidade para o novo, a vanguarda, tornando públicas ambas as frentes artísticas” (Ballerini, 2015, p. 46).

Mas foi com o avanço da disseminação das revistas que o Jornalismo Cultural foi ganhando mais forma. Ainda tendo o Brasil como exemplo, as revistas já tinham ciência dos conceitos de segmentação, pois as revistas eram segmentadas por temas ou assuntos. Cada revista tinha o seu estilo de escrita e de abordagem, como também as pautas similares. Esses aspectos permanecem até hoje, mesmo com uma baixa quantidade de produção de revistas quando comparadas há 20 anos atrás.

“Um mesmo assunto receberá tratamento alinhado com os projetos editorial e comercial de cada publicação, resultando em objetos gráficos que visam uma identificação com o público a que se destinam” (Gruszynsk; Calza, 2013, p. 203).

Revistas de moda, revistas focadas para mulheres, revistas científicas, revistas literárias cada uma possui o seu modo de fazer jornalismo de acordo com a sua linha editorial e o seu público. Reges Schwaab (2013) define que há uma separação de editora e revista, mas que as duas são tratadas como instituição. Dessa forma, a editora possui os seus princípios editoriais que a diferem das outras editoras, como os valores, as missões e os objetivos. Já a revista possui o mecanismo de se comunicar com a população. Alguns autores até afirmam que a revista é um espelho da sociedade e que faz o papel de mostrar o que tem acontecido naquele meio social.

Assim, o jornalismo cultural nas revistas estabelece um parâmetro de diálogo com o público que o leva a enxergar o mundo a partir dos olhos dessa revista em questão. “Toda revista é alguém que fala a alguém, um agente sempre em relação, cuja razão de ser é o seu leitor” (Schwaab, 2013, p.59).

3. O QUE É CULTURA NO JORNALISMO?

Dessa forma, começo primeiro levantando a discussão do que é cultura. Seguindo à risca o dicionário (Ferreira, 2004), o termo cultura se refere aos costumes, tradições, crenças, hábitos, linguagens, padrões morais, éticos e artísticos de um determinado povo, grupo social, nação ou sociedade. Porém, esse conceito segue muito amplo e ambíguo, pois não se aplica aqui o referente temporal desse povo, as suas movimentações entre outras culturas, o modo de consumo de produtos, ou seja, a ordem social dessas sociedades.

Um autor que chega mais próximo de explicar cada fenômeno da cultura, é o sociólogo Raymond Williams. Para o pesquisador (*apud* Ballerini, 2015), a cultura é um reflexo de um espaço do tempo de uma sociedade. Tudo que ali naquele meio é produzido e reproduzido, condiz com o seu histórico. O cinema, a literatura, a pintura, entre outras produções, demarcam características daquele meio social através dos códigos e signos que são colocados na tela ou no papel.

Porém, ao analisar fenômenos sociais separadamente, percebe-se que em quase tudo envolve cultura. Por exemplo, uma matéria sobre a persistência de uma determinada sociedade em continuar utilizando dinheiro em espécie e como isso rotaciona a economia local. O modo desse povo em utilizar esse tipo de dinheiro e a resistência em não migrar para o meio digital, é totalmente cultural. No entanto, a matéria irá explorar o âmbito econômico e não a cultura implícita.

Sendo assim, o trabalho do jornalista cultural vai além de casos que irão parar em outras editorias. Esse jornalismo aparece para codificar momentos com o intuito de comunicar-se com a sociedade. Não é apenas um trabalho de registro e de serviço. O jornalismo cultural explora as camadas das culturas com profundidade. Traz à tona questões que precisam ser pensadas, discutidas e debatidas. Para além de uma cobertura jornalística, o jornalismo cultural promove a reflexão na sociedade, instiga o pensamento crítico, constrói um diálogo entre a população

leitora e o texto jornalístico. Texto esse que se torna reflexo do que é feito por essa própria população.

Para Ballerini (2015), o jornalista cultural precisa sair do “achismo” no momento em que for escrever sobre algum produto cultural. A especialização se torna importante para que o jornalista consiga sair de uma mera cobertura de evento ou lançamento, para poder impulsionar o debate. “A especialização oferece um jornalismo cultural aprofundado, reflexivo e não meramente informativo, à base de lide e do release. Afinal, jornalismo cultural de qualidade é, antes de tudo, reflexão” (Ballerini, 2015, p. 56).

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa seção levanta um dos pontos principais para o pensamento e a elucidação desse projeto. Precisei coletar informações sobre o mundo artístico e cultural de Sergipe e do Brasil para poder, assim, entender melhor como esse mundo se movimenta, como os artistas se sentem nesse meio, quais as suas maiores demandas, frustrações e ânimos ao produzir arte. Como também, coletar informações sobre quem consome arte e como enxerga os artistas. Levantei dados também sobre pessoas que não consomem produtos artísticos sergipanos, esse ponto tem o intuito de descobrir os motivos desse público não consumir arte sergipana e o que gera o desinteresse na busca.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, utilizei o método de entrevista em profundidade abordado por Jorge Duarte (2005), em que o autor detalha que esse tipo de entrevista busca a subjetividade do entrevistado, mostra o íntimo e descreve processos complexos da sua vida. Para o autor,

“a entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (Duarte, 2002, p. 62).

Através da entrevista em profundidade, utilizei o recurso da pesquisa qualitativa, não-estruturada, aberta e com respostas indeterminadas. Esse modelo proposto por Sergio Duarte (2005) se encaixou melhor no modelo da minha entrevista, pois eu tinha o intuito de explorar e entender, principalmente, a estrutura dos problemas que um artista sofre no meio cultural. Tal percepção se torna íntima, o que em uma pesquisa quantitativa, feita através de formulário de opinião, não daria conta e nem os resultados esperados.

4.2. Os resultados

Diante de conversas com consumidores de arte e com artistas de Sergipe e do Brasil, pude perceber uma certa discrepância em alguns aspectos, como por exemplo a quantidade de eventos culturais, além de uma aproximação que se assemelha bastante quando comparada ao meio artístico de outros estados do Brasil com o meio artístico sergipano, como por exemplo a valorização do artista local.

Para entender todo o meio cultural de Sergipe e do Brasil, também recorri a pessoas que não consomem esse tipo de conteúdo. Pois assim eu precisaria descobrir os motivos que não despertavam o interesse nessas pessoas em consumir arte local. Além disso, foi elucidado também que esses motivos são consequências do desconhecimento sobre artistas e eventos culturais.

4.3. O movimento cultural no Brasil

O primeiro ponto relatado é a quantidade maior de eventos culturais em outros estados do Brasil, principalmente no Sul, que dão destaques para os artistas daquela região. Em Maringá, Paraná, por exemplo, ocorre todo ano eventos literários (Festa Literária Internacional de Maringá - Flim), de artes cênicas e musicais (Virada Cultural de Maringá e Maringá Encantada). Segundo Amanda Fernandes e Isabella Wisniewski, moradoras de Maringá, a maioria das atrações e expositores de produtos são de artistas locais. Elas ainda relatam haver uma forte presença e incentivo, por parte da população, para artesãos em comercializar seus produtos em feirinhas, praças e eventos públicos.

A Flim é um evento totalmente custeado pelo poder público de Maringá e aberto gratuitamente para todos os públicos. É nesse espaço que é fomentado o incentivo à cultura, à literatura e à crítica. O evento acontece há 10 anos ininterruptamente e sempre traz artistas do município, do estado e do Brasil. Em contrapartida, os artesãos destacados pelas duas entrevistadas possuem uma adesão maior pela população maringaense do que incentivo pelo poder público municipal e estadual. As entrevistadas destacaram que para esses trabalhadores conseguirem visibilidade, eles recorrem às redes sociais, lugar em que conseguem um grande engajamento e disseminação das suas artes.

Esse ponto conecta com o estado do Tocantins, em que Ana Paula, estudante de pedagogia e consumidora de arte, destacou que é muito complicado um artista independente conseguir se sustentar a partir das suas artes, eles precisam ter outros empregos totalmente

diferentes desse âmbito artístico para pagar as suas contas. Ana Paula ainda relata sobre os eventos tradicionais e populares da região: “Quando se trata de eventos que são tradicionalmente populares da região, como o Miracaxi ou o Festival Gastronômico de Taquaruçu, os artistas escolhidos para estrear o evento são artistas famosos, que lucram cachês absurdos em comparação ao que o artista independente recebe. É a desvalorização do artista regional.”

A estudante também conta sobre a dificuldade de saber quem são os artistas locais. Ela diz que no Tocantins existe uma dança quilombola chamada Suça ou Sussia, uma dança que representa a cultura dessa etnia e o folclore regional. Ana Paula só foi ter conhecimento dessa cultura em uma aula da universidade em que estuda. “É uma situação que impede que o próprio povo conheça a sua cultura, a sua história, é o esquecimento, ou pior, o apagamento, das tradições dos povos originários.”, acrescentou.

Em Brasília, no Distrito Federal, o artista visual Gabriel Azul demonstra outra inquietação diante do meio artístico e cultural da sua cidade. Ele afirma que além do não reconhecimento dos artistas “menores”, que não são falados pelo Brasil e mundo afora, pela própria sociedade daquela região, há, também, a dificuldade de acesso a espaços culturais. “Culturalmente, estruturalmente, às vezes até rolam eventos que incentivam a arte, mas como as pessoas chegam nesses eventos? Muitas vezes para usar o transporte público sai um dinheiro que não pode sair naquele mês”, destacou.

O escritor baiano, Vinícius Oliveira, é artista e consumidor de arte. O escritor tem vivência com a arte tanto na Bahia quanto em Sergipe, local onde passou uma boa parte da sua vida por ter ido cursar Jornalismo na Universidade Federal de Sergipe. Na entrevista com Vinícius, eu pude perceber que há uma dificuldade no acesso ao conhecimento de artistas locais. Vinícius destaca que o problema disso está diretamente ligado ao governo do estado por não incentivar a cultura local.

Por ser de outro estado, Vinícius ao chegar em Sergipe, sentiu muita dificuldade em descobrir novos artistas, é como se ele precisasse cavar bastante para encontrar essas pessoas que produzem arte. O escritor também pontuou que em sua cidade natal acontece o mesmo, e pior. Por ser um interior da Bahia, uma cidade menor, não há tantos artistas como também não tanto incentivo pelo governo local.

4.4. A arte em Sergipe

No livro *Perfis e como escrevê-los* (2003), Sergio Villas Boas coloca como primeiro perfil a história de Francisco Dantas, que intitula de *O domador de veredas*, um escritor e morador de Itabaianinha, município de Sergipe. Durante todo o texto, Sergio traz características fortes de um homem “estrilador, arredio, espinhento, cabeçudo” e como esses atributos refletem na escrita de Francisco.

Mas além de toda a história fascinante de Francisco, o que permanece a gritar entre as palavras é o descontentamento do escritor sobre a repercussão da sua arte. Sergio Villas Boas faz questão de destacar: “Em Sergipe, Dantas diz ser conhecido pelo mérito exterior de seus livros. Para ser celebrado no próprio estado, é preciso repercutir antes no ex-Sul Maravilha” (Boas, 2003, p. 41).

Francisco é mais um artista sergipano a ser fundido pelo desânimo e pela necessidade de viver um êxodo artístico para o centro do país. Canijan Oliveira, natural de Aracaju, Sergipe, artista visual, tatuador, grafiteiro e ilustrador, trabalha produzindo arte há 10 anos. Durante esses 10 anos, Canijan precisou trabalhar bastante, ir para determinados lugares, conhecer pessoas específicas e gritar muito para ser visto. Canijan ainda destacou que, além do problema estar enraizado nas políticas públicas, há um descontentamento na população sergipana em querer conhecer a arte local.

O artista acrescentou que algumas artes que produz são vistas com más olhares, como é o caso do grafite. Canijan relatou que já foi ameaçado diversas vezes por estar pintando uma parede que pagaram por aquele trabalho, não era nenhum tipo de vandalismo, era trabalho.

Outro ponto abordado por Canijan, foi sobre os tipos de temas que são destacados em suas artes. Os desenhos de Canijan possuem uma estética mais sombria que beiram o horror. A maioria dos temas das suas artes são sobre doenças mentais, imaginação e erotismo. Canijan destacou que as suas artes muitas vezes já receberam falas preconceituosas e até já o impediram de estar em determinados lugares.

Para a escritora sergipana, Letícia Monalisa, em Aracaju é muito difícil haver editais de incentivo à cultura em que os escritores possam publicar os seus livros. Letícia contou que, após ter contato com diversos escritores do estado de Sergipe, ela percebeu que a maioria se queixava da mesma problemática: não há incentivo para os escritores.

Letícia Monalisa precisou recorrer à publicações independentes e ir sozinha conquistar o seu público aos poucos, um trabalho que ela precisou de muito esforço na internet e fora dela. As suas publicações independentes foram apenas em formato digital, pois, segundo ela, não possui condições financeiras de publicar os seus livros em formato impresso, visto que essa modalidade requer um investimento alto.

Além de escritora, Letícia também é produtora cultural. Ela desenvolveu projetos literários que reúne leitores de Sergipe para um bate-papo e para descobrir novos escritores sergipanos. A vontade de desenvolver esses projetos veio justamente pela sua experiência em ser vista pela comunidade leitora e não-leitora do estado de Sergipe e do Brasil.

Letícia acrescentou na entrevista que uma saída para esse problema é haver um veículo que possa dar mais visibilidade para esses artistas e que facilite a comunicação entre o público e o produto em questão. A escritora também destacou sobre a importância de ter editais destinados à arte e cultura, para que incentive ainda mais a produção cultural no estado e mais artistas sejam reconhecidos por seus trabalhos.

Por outro lado, precisei entender o ponto em comum das pessoas que não consomem arte sergipana ou não vão a eventos culturais em que há a predominância de artistas sergipanos.

Fabírcia Correia, de 25 anos, estudante de Medicina e moradora de Aracaju, afirmou que não consome produtos de artistas de Sergipe por desconhecer os artistas do estado. A estudante também complementou que sente a vontade de conhecer mais os artistas do circuito cultural de Aracaju e Sergipe. Ao ser perguntada sobre o motivo desse desconhecimento, ela afirmou que é pela pouca divulgação que esses artistas recebem, e que uma forma para solucionar isso seria havendo algum veículo que informasse sobre as artes locais e os eventos culturais que estão acontecendo.

Iara Góis, de 23 anos e estudante de Medicina no campus UFS Lagarto, afirma que já ouviu do namorado sobre a *Agenda Manguê*, uma editoria do portal *Manguê Jornalismo*, que atua montando uma lista de eventos culturais que irão acontecer em Sergipe. No entanto, a estudante declara que nunca chegou a pesquisar sobre essa agenda cultural e não sentiu despertar o interesse em ir a algum evento. Iara também diz que o maior fator de não ir para eventos culturais é por não conhecer os artistas do seu estado. Questionada como ela acha que isso poderia mudar e ela passar a saber de eventos e de artistas, Iara respondeu que bastaria haver mais divulgação nas mídias, principalmente nas redes sociais e na televisão.

Na reportagem da agência Manguê Jornalismo, *É possível viver de jornalismo em Sergipe? Mulheres negras sergipanas são as que mais sofrem com a ilusão do empreendedorismo como solução* (disponível em: <https://mangueljornalismo.org/e-possivel-viver-de-arte-em-sergipe-mulheres-negras-sergipanas-sao-as-que-mais-sofrem-com-a-ilusao-do-empendedorismo-como-solucao/>), escrito pelo jornalista Díjna Torres, é abordado a dificuldade de artesãs sobreviverem a partir dos seus trabalhos.

A reportagem destaca sobre como artistas usam as suas artes como uma fonte de sustento. Essa dificuldade é atrelada ao desamparo do poder público a essas pessoas produtoras de arte. As artistas entrevistadas para a reportagem afirmam que é muito complicado se manter no cenário cultural utilizando as suas artes, pois não conseguem custear os recursos necessários para que esses produtos sejam feitos. Apontam também sobre a necessidade de haver mais políticas públicas ofertadas pelo poder público do estado em que vivem, nesse caso, Sergipe.

5. JUSTIFICATIVA DO SUPORTE

A escolha de colocar as histórias dos artistas no formato de revista impressa se dá, principalmente, pela liberdade de escrita e gênero que esse formato pode conceder ao jornalista. Essa liberdade também está intrínseca nas fotos que irão compor as páginas, as seções de crítica e opinião.

Outra razão pela escolha da revista é o seu formato impresso, em que o leitor pode folhear a revista e ter uma experiência de imersão maior. Além desse fator, existe também a característica da revista ser um item colecionável.

Através da revista impressa é possível conversar com o leitor de forma mais íntima, mais cautelosa, o que, hoje em dia, se tornou mais difícil encontrar um lugar para essa escrita no meio digital. Essa dificuldade apresenta diversos motivos, dentre eles: a velocidade de informações, o excesso de hard news sem aprofundamento e editorial mais restrito a notícias. Ballerinni reitera que “em tempos de velocidade banda-larga, a notícia torna-se obsoleta cada vez mais depressa” (2015).

Assim, Marcia Benetti (2013) propõe uma definição para jornalismo de revista. Para a autora, a revista se constitui a partir de um discurso e de um modo de conhecimento que proporcionam, dentre muitos aspectos, a: segmentação por interesse; periodicidade; permissão de diferentes tipos de texto; recorrência à sinestesia; relação direta com o leitor; instituição de

uma ordem hermenêutica do mundo; contribuição para formar a opinião e o gosto; trabalho com a ontologia das emoções.

Dessa forma, o gênero jornalístico que predomina nas editoriais da revista *DESBARATINO* é o *perfil*. Tendo em vista o objetivo de contar histórias de pessoas, esse gênero se enquadra melhor por aprofundar em momentos da trajetória dos perfilados, pois essa singularidade é o que proporciona uma certa liberdade na escrita (Maia, 2013).

Para Marta Regina Maia (2013), a maior diferença da produção de *perfis* é a autonomia quanto o texto convencional, ou seja, não precisa estar preso a buscar respostas sobre quem fez o que, quando, onde, como e por que, pois os diferentes tipos de narrativas possibilitam que sejam traçados outros caminhos.

“Os perfis também só podem elucidar, indagar, apreciar a vida num dado instante. São mais atraentes quando provocam reflexões sobre aspectos objetivos e subjetivos comuns à existência de todos nós.” (BOAS, 2003, p. 20).

A linguagem utilizada nos perfis é a de jornalismo literário. Tendo como referência o período em que o jornalismo cultural começou utilizando-se da literatura para se firmar em jornais e folhetins. O jornalismo literário é uma ferramenta que possibilita captar sentidos e sentimentos de uma forma mais lúdica e aprofundada, o que discutirei mais afundo no tópico seguinte.

6. O JORNALISMO LITERÁRIO EM HISTÓRIAS DE VIDA

Para o texto dos perfis que aparecem na revista, utilizei um recurso do jornalismo que é o Jornalismo literário. Primeiramente, a decisão dessa escolha parte do meu ofício e hobby de escritor. Antes mesmo de entrar no curso de Jornalismo, eu já me aventurava na arte de escrever ficção. Criava histórias e me aprofundava nelas para construir um mundo sob a minha visão.

Assim que comecei a estudar Jornalismo, fui percebendo que agora eu escrevia sobre um mundo já existente e que outras pessoas o enxergavam de outras formas. Aprimorei algumas técnicas de escrita jornalística e fui inserindo, assim que podia, um pouco da escrita literária nesses textos produzidos durante o curso. E assim comecei a estudar sobre esse recurso, ler textos e livros de jornalistas que utilizam do jornalismo literário e comecei a praticar.

“Não são novas as formas de opor os diferentes papéis sociais do jornalista e do escritor. Ambos lidam com a palavra, com o mundo, com a subjetividade e a objetividade, cabe agora a cada um escolher o ponto focal onde prefere narrar o que tem a narrar” (Castro, 2010).

O Jornalismo literário, na definição de Gustavo Castro (2010), é um recurso estético que foge do tradicional *lead*, que embeleza o texto jornalístico e que destoa dos textos de notícias rápidas que circulam o tempo todo e toda hora nos jornais. Castro ainda acrescenta que

“O que chamamos de Jornalismo Literário é a conjunção de conhecimentos, saberes, *savoir-faire*, técnicas e estilos narrativos desenvolvidos pela literatura que podem (e devem) estar a serviço das rotinas de produção jornalísticas. Jornalismo Literário é, portanto, o jornalismo contextualizado com os vários campos do conhecimento humano.” (Castro, 2010).

É com esse recurso que os personagens são colocados em destaque, em que o palco para eles é construído e o jornalista apenas entrega o microfone para que eles contem sobre eles. O mundo gira em torno de cada personagem. O professor e escritor Luiz Antonio de Assis Brasil, em seu livro *Escrever ficção: um manual de criação literária* (2019), desenvolve a importância do personagem para a narrativa. “É o personagem, quando bem construído, que dá sentido a tudo que acontece na história. [...] tudo que ali está é porque o personagem, pelo fato de existir, faz com que coisas aconteçam” (De Assis Brasil, 2019, p. 35-36).

O uso do Jornalismo literário para a construção dos textos da revista também é uma forma de capturar a essência das histórias contadas. Principalmente nos perfis, esse recurso toma mais força, pois é um gênero que conta a história de vida de um determinado personagem. Mesmo não sendo uma biografia, o historiador e sociólogo, François Dosse, destaca bem sobre a importância do jornalista para escrever histórias de vida em seu livro *O desafio biográfico: escrever uma vida* (2009).

Dosse (2009) afirma que “O recurso à ficção no trabalho biográfico é, com efeito, inevitável na medida em que não se pode restituir a riqueza e a complexidade da vida real” (Dosse, 2009, p. 55). Sendo assim, é fato que não possível que o jornalista transcreva o real com 100% de precisão, Castro (2010) destaca que esse é um objetivo que leva o jornalista ao fracasso.

Para constatar com a veracidade dos fatos, ofício esse atribuído ao jornalista de acordo com a ética que o são impostas para o exercício do seu trabalho, Dosse (2009) acrescenta que há, também, um compromisso de confiança entre o escritor e o leitor, em que é realizado um pacto de veracidade entre os dois. “O biógrafo está numa relação de maior ou menor proximidade ao gênero e a exterioridade total, também imprópria” (DOSSE, 2009, p. 67).

Dessa forma, além do recurso utilizado, escrever sobre histórias de vida é um trabalho que precisa de muita atenção e de muito cuidado. Pois são pessoas, não meros acontecimentos. O jornalista e escritor, Lira Neto (2022), descreve bem em seus estudos a importância de haver

um cuidado com o entrevistado ou biografado durante a apuração e, principalmente, na escrita do texto.

“Escrever sobre personagens reais pressupõe entender de que modo indivíduo e sociedade se impactam mutuamente; como a vida privada de alguém é condicionada pelas circunstâncias de seu tempo e espaço; e, ao mesmo tempo, o quanto as ações individuais influenciaram o meio no qual essa pessoa atuou” (Neto, 2022, p.67).

Para desenvolver a técnica de escrita utilizando o recurso do Jornalismo literário, precisei me aprofundar em livros de jornalistas que sabem perfeitamente manejar esse recurso em seus textos e em seus livros. Eles foram as minhas inspirações para que eu pudesse idealizar a minha trajetória para a produção desse produto, como também para traçar metas de carreira.

A primeira jornalista que usei de referência foi a Eliane Brum. Através dos seus livros *A vida que ninguém vê* (2016) e *O olho da rua* (2017), livros que retratam vidas do cotidiano, pude ter contato com uma jornalista que estava à procura de conhecer e entender as pessoas. Eliane Brum, em seus livros, está focada em descobrir os pormenores das vidas daquelas pessoas, como elas chegaram até ali e o que as tornaram o que são. A jornalista a todo momento procura se colocar no lugar do seu perfilado para que ela consiga escrever com maior precisão e responsabilidade sobre o mundo em que enxerga.

Em uma entrevista dada à Agnes Francine, para a revista *Em questão*, do Rio Grande do Sul, Eliane Brum, ao discorrer sobre os seus métodos de entrevista e de trabalho enquanto jornalista, afirma ser uma pessoa que prefere escutar.

“Eu sempre fui uma pessoa de canto. Sou muito mais “olhadeira” e “escutadeira”, que “faladeira”, “perguntadeira”. Eu sempre olho muito e fico escutando, tentando ver o que está acontecendo.” (De Carvalho Mariano, 2011, p. 308-309).

Outra jornalista brasileira que me inspirou na escrita jornalística e literária, como também no trabalho investigativo e meticuloso, foi a Daniela Arbex. Em seus livros-reportagens, pude ter acesso a uma jornalista que dedica o seu tempo a escutar calmamente as pessoas, ligar pontos e desvendar detalhes minuciosos. Para além disso, Daniela Arbex tem um jeito único de escrever sobre pessoas, que as humanizam e nos fazem lembrar a todo instante que estamos lidando com pessoas reais, não meros fantoches responsáveis para nos dar informações.

E, partindo para jornalistas internacionais, posso citar aqui alguns nomes que foram essenciais nos meus estudos e aperfeiçoamento das minhas técnicas. São eles, Truman Capote, Gay Talese, John Hersey e Svetlana Alexijevich. Todos esses autores são referências quando o estudo é focado em Jornalismo literário, pois cada um sabe dominar e contar histórias que nos

levam para diversas formas de imaginação para reconstruir os acontecimentos. Através de detalhes, diálogos e emoções, esses autores nos ensinam na prática como se faz um bom jornalismo.

7. PROJETO EDITORIAL

7.2. Produto

DESBARATINO – revista impressa de jornalismo cultural sergipano.

7.3. Conceito e nome

O nome *DESBARATINO* surgiu a partir do verbo transitivo baratinar, que quer dizer perder o domínio de uma situação; ficar confuso; perder a clareza das coisas; ficar desnordeado. Também aparece na música de Rita Lee e Roberto de Carvalho, *Lança Perfume*, no sentido de remexer a pessoa, deixar ela inerte dos próprios sentidos.

A partir disso, a revista ganha o nome de *DESBARATINO* pois tem o intuito de levantar debates sobre a arte, mexer com o circuito cultural de Sergipe e mostrar para mais pessoas os artistas que estão nesse estado. Essa ação deve causar vertigem, uma tontura pelo incômodo gerado em algumas partes apenas pelo fato de artistas conseguirem falar mais alto.

A revista *DESBARATINO*, é uma revista impressa que dá muito destaque aos artistas culturais que estão no estado de Sergipe. Essa visibilidade se dá pela forma que as matérias são escritas, as imagens que são tiradas e expostas e as composições das páginas. Ou seja, a revista preza para que o artista seja visto de todas as formas dentro daquelas páginas, seja no textual, no gráfico ou no layout.

7.4. Princípios editoriais

A revista *DESBARATINO* foi desenvolvida para contar histórias de artistas que estão no estado de Sergipe. Ela possui uma periodicidade semestral. Através das matérias desenvolvidas nesse projeto, a revista coloca em destaque a produção artística que é feita no estado de Sergipe, ou seja, ela servirá como um impulsionador de visibilidade para os artistas. É importante frisar que a revista *DESBARATINO* também tem o objetivo de colocar à tona artistas que não são reconhecidos pela população e, conseqüentemente, pelas políticas públicas de incentivo à cultura.

A revista tem o caráter de informar a população sobre os artistas que fazem o meio cultural do estado girar e se movimentar, além de instigar a reflexão acerca de temas sobre a arte e a cultura. Com a revista, as pessoas poderão enxergar os artistas para além das suas artes, pois, além de artistas, são pessoas que vivem vidas individuais, sentem emoções e possuem jeitos únicos de viver. A revista *DESBARATINO* é um produto experimental para o trabalho de conclusão de curso em Jornalismo, do aluno Valter Davi Oliveira Dantas.

A revista *DESBARATINO* tem como objetivo se tornar uma referência de conteúdo informativo. Dessa forma, preza pelos seguintes valores: 1) Informar; 2) Dar destaque aos artistas que estão no estado de Sergipe; 3) Prezar pelo respeito e equidade; 4) Zelar para que todas as formas de expressão sejam válidas, exceto às que ferem os Direitos Humanos; 5) Incentivar o consumo de arte local entre a população.

O conteúdo da revista é destrinchado em editorias que se diferem pelos seus formatos jornalísticos, como perfil, entrevista, ensaio fotográfico e fotorreportagem, colunas de crítica e crônica. Além disso, a revista abre espaços para que colaboradores possam expor os seus trabalhos – outra forma de visibilidade. Nesse caso, pode ser na editoria de ensaio fotográfico, publicação de um texto de ficção, ou até mesmo a exposição de uma foto ao final da revista.

Idealiza-se que o público alvo da revista sejam pessoas, de quaisquer gênero e sexualidade, de 18 anos a 75 anos, de classes baixas, médias e altas, consumidoras e não consumidoras de arte local de Sergipe.

8. PROJETO GRÁFICO

Entramos agora na seção sobre o projeto gráfico da revista *DESBARATINO*. Para desenvolver toda a estética da revista, seja de visualidade ou de texto, usei como referência as revistas de Jornalismo Cultural, *Cumbuca*, *Continente*, *Pernambuco* e *Morel*. Mas, especificamente para a produção gráfica, utilizei referências de revistas de outros segmentos, como a moda, nesse caso usei a *DAZED*, *VOGUE*, *Elle*, *Glamour*, *Marie Claire* e *BAZAAR*. Essas referências me ajudaram a pensar a composição das páginas, as fotos e a diagramação, pois, segundo a designer Erika Amaro Rocha (2022), a capa é um cartão de visitas para o leitor, e com isso é preciso que o projeto seja carregado de referências de identidades visuais.

A revista *Morel*., é uma revista focada em literatura, fotografia e artes visuais. Na revista é possível encontrar muitos tipos de artes sendo expostas, seja poesia, prosa, ensaios e até

música. A *Morel.* possui o slogan “Pessoas e universos atemporais”, pois a sua revista é focada em contar histórias de pessoas que fazem arte e vivem disso.



Figura 1: Capa da edição de número 10 da revista *Morel.*

Fonte: <https://ipsispub.com.br/produto/revista-morel-10/>

A revista *Cumbuca*, é um produto do estado de Sergipe. É uma revista de jornalismo cultural que trazia em suas edições matérias sobre artistas, movimentos culturais e hábitos culturais. Para além disso, a revista também abria espaço para que artistas mostrassem os seus trabalhos, como é o caso da seção de poesia.

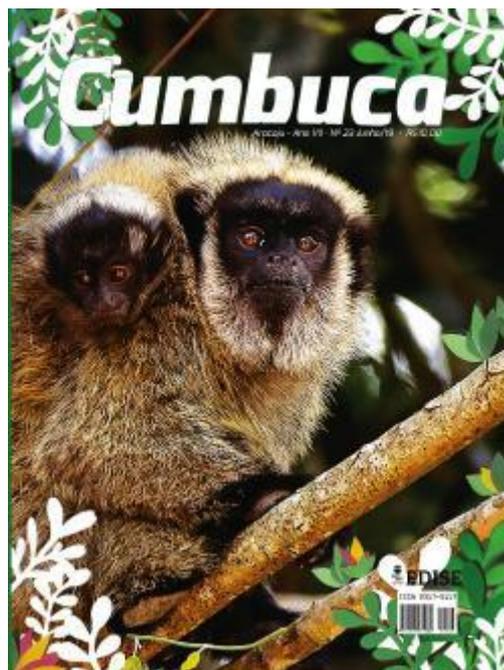


Figura 2: Capa da edição de número 23 da revista *Cumbuca.*

Fonte: <https://iose.se.gov.br/edise/produto/190/digital>

A revista *Continente*, é um produto do estado de Pernambuco. É uma revista que tem o enfoque em jornalismo cultural, em que traz matérias sobre diversos artistas e movimentos culturais que acontecem em todo estado de Pernambuco. É comum haver e cada edição matérias em formato de perfil, entrevista, reportagens especiais, críticas e análises.



Figura 3: Capa da edição de número 278 da revista *Continente*.

Fonte: <https://revistacontinente.com.br/>

A revista *Pernambuco* surgiu a partir do *Suplemento Pernambuco*, um suplemento da revista *Continente*. A *Pernambuco* é uma revista focada em literatura, em que levanta muitos debates sobre a literatura atual e remanescente do estado de Pernambuco e do Brasil.

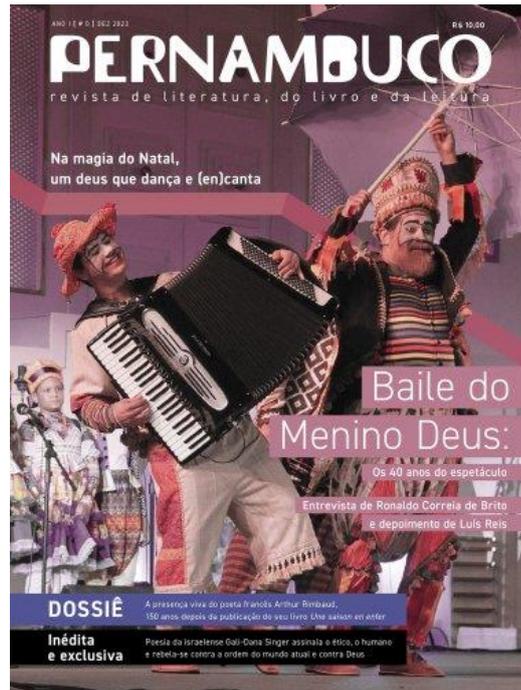


Figura 4: Capa da edição de número 0 da revista Pernambuco
Fonte: <https://www.cepe.com.br/lojacepe/revista-pernambuco-0>

A revista *Dazed*, é uma revista britânica que tem o foco em trazer conteúdos sobre música, moda, cinema e literatura. A revista é muito conhecida no meio da moda por levantar muitas referências nesse meio como também elaborar debates sobre os estilos contemporâneos.

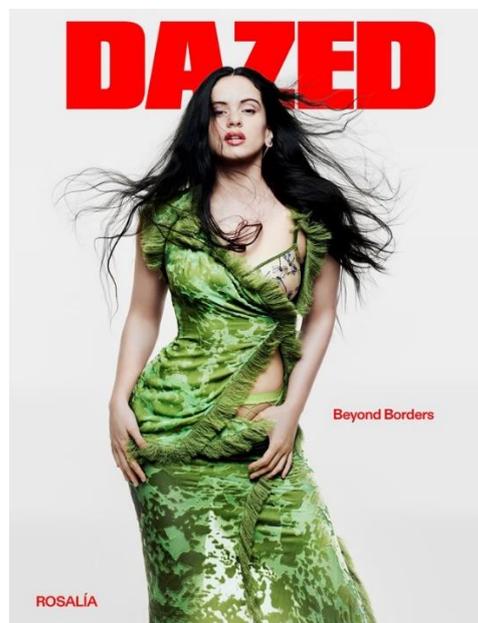


Figura 5: Capa da edição de 2023 da revista DAZED.
Fonte: <https://www.dazeddigital.com/magazine>

A revista *VOGUE*, é uma revista com segmentação em moda. Em suas matérias é comum haver o foco em pessoas que estão nesse meio, que estão produzindo moda ou que são

impulsionadores de referências, nesse último caso se enquadra famosos de cinema, televisão e música. A *VOGUE* já se espalhou por diversos lugares do mundo, em que vários países possuem uma filial da revista.

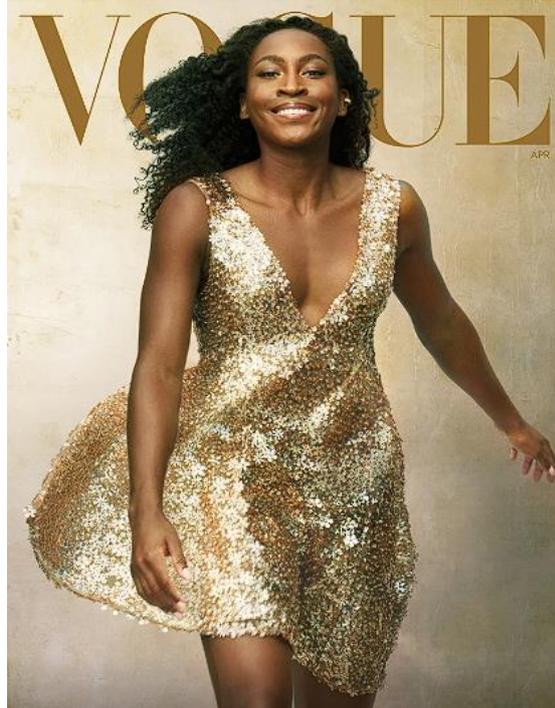


Figura 6: Capa da edição de abril de 2024 da VOGUE Magazine.

Fonte: <https://www.vogue.com/article/coco-gauff-april-cover-2024-interview>

A revista ELLE, é uma revista focada em estilo de vida. Em suas edições são abordados assuntos de moda, beleza, saúde e entretenimento. É muito comum a revista trazer muitas entrevistas com famosos descrevendo os seus estilos de vida, as suas referências, como também muitos ensaios fotográficos. Como a VOGUE, a ELLE também já circula em diversos países, em que cada um tem a sua própria edição.



Figura 7: Capa da edição de setembro de 2024 da revista ELLE Brasil.

Fonte: <https://elle.com.br/>

Ao pensar na revista, ainda no momento de ideias, demarquei que a revista *DESBARATINO* seria um suporte que adequasse uma vasta gama de artistas, em que existiria pluralidade de artes e de pessoas. Para isso, utilizei, além da seleção de assuntos, alguns elementos gráficos que poderiam ajudar a demarcar ainda mais esse recorte. Através de tipografias, cores e até mesmo a diagramação.

8.1. A marca

Para a marca da revista, utilizei a fonte Soria em tamanho 85, que é uma fonte que possui serifas assimétricas e que brincam com a geometria, passando uma estética visual de desproporção, que é um dos principais objetivos da revista, despertar sensações e sentimentos no leitor pelos textos e pela estética. Essa assimetria na tipografia também faz remeter à diversidade artística e cultural que é tratada na revista.

Soria **DESBARATINO**

Figura 8: Logomarca da revista DESBARATINO.

Fonte: Elaboração própria.

8.2. A capa

A composição da capa foi feita usando de referência posters de filmes, para aumentar a conexão da revista com o universo artístico, além de revistas culturais, como é o caso da *Morel*. Por isso possui uma quantidade menor de textos. Os textos que aparecem na capa, além da marca, são as editoriais principais com o nome do artista que aparece naquela editoria.

Além desses textos, utilizei o título da matéria do personagem que está estampando a capa. A decisão de colocar o título e não outra manchete diferente, se dá pela facilidade e praticidade do leitor identificar a matéria dentro da revista. Colocar outra manchete poderia confundir o leitor fazendo com que ele não encontre a matéria que está desejando.

A foto de capa dessa edição e das seguintes seguirão na mesma estética: personagem ao centro do quadro com uma borda branca nas margens da página. A foto será posada, ou seja, haverá um cuidado na escolha de cada elemento que vai compor o personagem e o ambiente a sua volta. A decisão para que seja uma foto montada, parte das referências de revistas do segmento de moda e lifestyle, pois pretendo demonstrar que a revista *DESBARATINO* consegue sustentar muitas camadas do meio cultural e artístico.

Para os textos que compõem a capa, utilizei a fonte *minion pro bold* para os nomes dos artistas. Para o título da manchete, usei a fonte *bagnard*, a mesma que usei nos títulos de cada matéria. A fonte que utilizei para compor os textos com os nomes das editorias foi *roboto sab*, é uma fonte com uma traço mais fino, para poder dar um contraste com os nomes dos artistas e não roubar o ponto óptico dos outros elementos.

8.3. Editorias

A revista está dividida em 4 editorias, sendo elas: perfil, ensaio fotográfico, entrevista e colunas de opinião. A nomeação de cada editoria ficou da seguinte forma: perfil, *Pelos olhos*; entrevista, *De quem vive*; ensaio fotográfico, *O mundo*; colunas de opinião, *Crítica e Crônica*. Os nomes das três primeiras editorias, as ditas como principais, foi dado a partir de uma frase que sintetiza o conceito da revista: Pelos olhos de quem vive o mundo.

A divisão de páginas e de editorias ao total ficou da seguinte forma, fechando a revista com 50 páginas:

- p. 2 expediente;
- p. 3 editorial;
- p. 4 sumário;

- p. 5 sumário;
- p. 6-15 perfil 1;
- p. 16-29 ensaio fotográfico;
- p. 30-39 perfil 2 (capa);
- p. 40-47 perfil 3;
- p. 48-55 entrevista;
- p. 56 coluna de crítica;
- p. 57 coluna de crônica.

8.4. As cores

Para se adequar ao pluralismo, selecionei uma paleta de cores que demonstre essa dinâmica. Com o uso do vermelho, azul, verde, amarelo, laranja e branco, a revista ganha um tom mais vivo. Mas essa escolha não se limita a isso. Decidi que essas seriam as cores principais da revista porque elas representam a estética de um “Brasil tropical e cultural”, muito presente nas fotos da brasileira e fotógrafa Bárbara Wagner, por exemplo.



Figura 9: Série “Brasília teimosa”, de Barbara Wagner (2005-2007).

Fonte: <https://cargocollective.com/barbarawagner/Brasilia-Teimosa-Stubborn-Brasilia>

Sendo assim, as cores serão aplicadas de acordo com cada editoria. Sendo assim, a divisão ficou da seguinte forma: *Pelos olhos*, azul; *De quem vive*, verde; *O mundo*, laranja; *Crítica* e *Crônica*, amarelo. A cor principal da revista é o vermelho, em que aparece em elementos da capa, início e final da revista.



Figura 10: Paleta de cores da revista DESBARATINO.

Fonte: Elaboração própria pelo <https://coolors.co/>

9. PAUTAS

9.1. Entrevista

Jornalista e escritora, Taylane Cruz lança ao mundo seu novo romance, como também assume a posição de vice-presidente da Academia de Letras de Aracaju.

Foco e enfoque

Destrinchar sobre as palavras e a escrita como potencializadores de descoberta do mundo e do ser, assuntos que são recorrentes nas obras de Taylane Cruz. Além disso, ressaltar os objetivos que Taylane possui com o novo cargo de vice-presidente da Academia de Letras de Aracaju.

Histórico

Taylane Cruz cresceu em Capela/SE e atualmente vive na capital, Aracaju. Escritora e jornalista formada pela Universidade Federal de Sergipe, é autora de três livros de contos e do livro de crônicas “Para a hora do coração na mão” (Penalux, 2021). Colaborou com várias antologias pelo país, atua ainda como palestrante e ministra oficinas de escrita criativa. É membro da Academia de Letras de Aracaju. Na RUBEM, escreve quinzenalmente às segundas-feiras.

Sempre curiosa, se interessou pela literatura antes mesmo de gostar de livros por influência da mãe, uma professora que vivia debruçada sobre os livros.

No dia 07/12 foi realizada a Assembleia Geral que designou a nova gestão da Academia de Letras de Aracaju, que estará em atuação nos anos de 2024 e 2025. A jornalista e escritora, Taylane Cruz, foi empossada como vice-presidente.

Perguntas

1. Quais os seus objetivos e expectativas na atuação de vice-presidente da Academia de Letras de Aracaju?
2. O que a Taylane criança diria para a Taylane adulta ao vê-la nesse cargo tão importante?
3. Em sua crônica publicada no site RUBEM, você distrincha bastante sobre as palavras. Esse movimento também acontece em seu novo livro “Menina de Fogo”. Então, quais tipos de poderes as palavras possuem sobre o mundo?
4. Em seu livro “Menina de Fogo”, percebi uma proximidade com a realidade, quanto de Taylane existe na vida daquela personagem?

5. Em muitos momentos do livro a personagem prefere não contar o que aconteceu, seja uma briga com a avó, ou até mesmo sobre a sua mãe, caso que acontece ao final do livro em um tom bastante melancólico. Por que a escolha do não dito prevaleceu nesses casos?

Modalidades

Escrito

Entrevista

Fontes

Taylane Cruz - <https://www.instagram.com/taylanecruz/>

Referências

<https://rubem.wordpress.com/2023/12/04/oracao-taylane-cruz/>

<https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Noticia/CONTO-Taylane-Cruz>

9.2. PERFIL 1

Afrochef Bianca Oliveira traz a ancestralidade para os seus pratos no seu restaurante "Casa do Dendê", além de fazer resistir a cultura da religião afro-brasileira, o Candomblé.

FOCO E ENFOQUE

A culinária ancestral muda e transforma vidas, principalmente as de quem produz. Bianca Oliveira é empreendedora e possui um restaurante de culinária ancestral, a Casa do Dendê Aracaju. Os seus afetos e amores transbordam o prato e perpetua uma cultura de resistência preta, candomblecista e afro-brasileira.

HISTÓRICO

Bianca é uma mulher negra, lésbica e mãe solo, que em 2022 reuniu cerca de 20 amigos para os quais preparou o primeiro jantar, em São Paulo. “Ainda não tinha o nome da ‘Mesa Ancestral’. Era um jantar onde eu me propus cozinhar para essas pessoas, trazer a culinária ancestral e durante o preparo as pessoas estavam comigo na cozinha e eu fui falando sobre a culinária ancestral, fui falando sobre a culinária, sobre as problemáticas do racismo e as problemáticas de estrutura econômica, política e foi rico”

A chef Bianca Oliveira é embaixadora do Fundo Agbara e é dona do restaurante Casa do Dendê Aracaju, na capital do Sergipe. Ela é iniciada na culinária ancestral e desenvolve um trabalho de valorização do alimento diaspórico que tem origem no terreiro. “Minha intenção é fazer com que a Mesa Ancestral cresça ainda mais, que mais mulheres pretas venham para a cozinha, que mais de nós sejamos reconhecidas e que a gente não precise estar com outras chefs renomadas, a gente pode, mas também pode fazer esse trabalho, porque é um trabalho que nasce com a gente, a ancestralidade nasce muito forte com a gente na culinária”

Ela tem levado aos seus clientes não apenas o alimento, mas história, cultura e saberes. Seu principal insumo é o Dendê e a Afrochef pretende ampliar cada vez mais seu conhecimento na área.

Essa paixão pela culinária ancestral é uma herança deixada pelo seu pai, Natalício e sua avó, Olívia, lá de Cachoeira(BA) e que hoje Bianca sabe a importância de seguir em frente e manter tradições, culturas e religiosidade entre os seus. “O Alimento é tão sagrado que me trouxe de volta pra casa, uma casa carregada de paz, sabedoria, axé, irmandade, bondade e muita luz.”

LINKS

<https://mundonegro.inf.br/mesa-ancestral-chefs-negras-realizam-jantar-para-levar-sabores-e-compartilhar-saberes-ancestrais-da-gastronomia/>

PERGUNTAS

6. Você sempre foi do Candomblé? A sua ligação com essa religião também tem influência da sua família?
7. Como começou o seu contato com a comida com um olhar de que o alimento é muito mais que só um prato de comida?
8. Como era a sua infância? Como era a Bianca criança?
9. Você lembra da primeira vez que você notou que você não apenas cozinhava, mas que cozinhava muito bem?
10. Quais transformações você teve com a culinária ancestral? Seja de autoconhecimento, energético ou social.

MODALIDADES

Escrito

Perfil

FONTES

Bianca Oliveira

Jouse Maria Ferreira Santos (Ìyálórìsá do Ilê Axé Omon Tobi Oyá Lokê e mãe de santo de Bianca): <https://www.instagram.com/jousepsi>

9.3. PERFIL 2

Poetisa Stella Carvalho traz à tona todas as suas dores e cicatrizes em seu livro de poesias, Kizila.

FOCO E ENFOQUE

Abordar sobre a história de Stella Carvalho a partir da sua escrita. O que a trouxe até aqui, o que ela fez para se tornar uma escritora potente no estado de Sergipe. Levantar histórias da vida de Stella que possuem relação com as influências que ela possui para escrever as suas poesias.

HISTÓRICO

Stella nasceu no município de Itabuna, na Bahia. Se mudou para Aracaju com 12 anos de idade após a separação dos pais. Ingressou no curso de Letras na Universidade Federal de Sergipe (UFS), mas não concluiu o curso. Foi na UFS que ela conheceu a batalha de Slam, uma competição de rimas faladas.

No Slam, Stella pode colocar as suas poesias no mundo, como também ganhar visibilidade no circuito artístico após ganhar várias batalhas em que participou. Em 2022, Stella publicou o seu primeiro livro de poesias, Kizila. O livro é composto por poesias que ela escreveu para o Slam.

Hoje Stella trabalha como redatora publicitária, freelancer, produtora musical e escritora.

LINKS

<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/escritora-sergipana-stella-carvalho-estreia-na-poesia-com-kizila>

PERGUNTAS

1. Quando você descobriu o interesse pela poesia?
2. Qual o estilo das suas poesias?
3. Elas têm o intuito de radicalizar, emocionar, dramatizar? Qual o seu objetivo com as poesias?
4. Como eram os Salmos em que você participava?

MODALIDADES

Escrito

Perfil

FONTES

Stella Carvalho

Jonas Cleber (amigo): (79) 9103-9851

9.4. PERFIL 3

O artista Canijan Oliveira produz diversas formas de arte, seja ilustrações, tatuagens ou grafites. Cada um com seu estilo próprio de fazer arte e se expressar.

FOCO E ENFOQUE

Quantos tipos de artes é preciso para poder expressar os sentimentos? Canijan Oliveira usa de diversos formatos artísticos para poder falar sobre o que está sentindo, sobre o mundo a sua volta e sobre as pessoas que passam por sua vida.

HISTÓRICO

Em 2013 Canijan começou a trabalhar com arte e passou a fazer ilustração digital, depois migrou para o mundo da tatuagem, sem abrir mão das ilustrações. Nesse tempo acabou experimentando diversas ferramentas e plataformas para criação de imagens expressivas. Dentro dessas experimentações surgiram exposições e premiações.

Percebeu que estava gostando bastante de desenhos saturados e com alto contraste. Implementar cores em diversos estilos o permitiu acessar outras áreas, como o Graffiti, pintura aquarela e tela.

Das sensações presentes nesses trabalhos, em especial o drama e simbologia, principalmente nas sessões de tatuagem.

LINKS

<https://www.canijan.com/>

<https://www.instagram.com/amaosolta/>

PERGUNTAS

1. Você sempre teve contato com a arte? Quando que você começou a desenhar por hobby?
2. Quanto de você tem nos seus desenhos? Todos são inspirados na realidade?
3. Você trabalha com muitos tipos de artes. Como é para você achar outras formas de se expressar?
4. Ao fazer uma tatuagem, você está eternizando ali uma arte sua até que a pessoa morra. Como é para você ser eternizado por suas artes?
5. O que você quer que as suas artes contem para o mundo?

MODALIDADES

Escrito

Perfil

FONTES

Canijan Oliveira

Thays Cardoso (namorada): https://www.instagram.com/destr0y_a/

9.5. ENSAIO FOTOGRÁFICO

O Descidão dos Quilombolas volta para as ruas de Aracaju para mais um carnaval. O bloco resiste a muitos apagamentos do carnaval afro.

FOCO E ENFOQUE

Fazer um ensaio fotográfico sobre o bloco do Descidão dos Quilombolas. O ensaio tem o intuito de mostrar a felicidade do carnaval proporcionada por um bloco de resistência.

HISTÓRICO

O Descidão dos Quilombolas é um bloco de reggae-samba, uma vertente do Olodum. O bloco chegou às ruas de Aracaju a partir de uma vontade de dois irmãos em tocar pelas ruas do bairro Getúlio Vargas, em Aracaju. Desde então o bloco está há mais de oito anos nas ruas, contando com mais de 50 percussionistas.

O bloco do Descidão dos Quilombolas é uma marca cultural do estado de Sergipe, principalmente no que diz respeito à resistência do povo quilombola e afro-brasileiros. O bloco começou na rua Geruzinho, uma pequena rua localizada no bairro Getúlio Vargas. Na periferia da cidade que nasce o carnaval. Os moradores saem para as suas portas para poder apreciar o bloco que passar, e muitas pessoas acabam acompanhando o bloco ruas a dentro.

LINKS

<https://www.youtube.com/watch?v=9CcEtmPXZCI>

PERGUNTAS

1. Como o bloco do Descidão dos Quilombolas surgiu?
2. O que o bloco representa para a comunidade do Geruzinho?
3. O que mudou na vida de vocês após decidirem ir para as ruas com o bloco?

MODALIDADES

Ensaio fotográfico

FONTES

Mestre Dingo Bala (um dos criadores do bloco): (79) 8827-9545

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALLERINI, Franthiesco. **Jornalismo cultural no século 21: Literatura, artes visuais, teatro, cinema, música [A história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática]**. Summus Editorial, 2015.
- BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.
- BENETTI, Marcia. Revista e jornalismo: conceitos e particularidades. **A revista e seu jornalismo**, p. 44-57, 2013.
- BARRETO, Ivana. As realidades do jornalismo cultural no Brasil. **Contemporânea (Título não-corrente)**, v. 4, n. 2, p. 65-73, 2006.
- BOAS, Sergio Vilas. **Perfis e como escrevê-los**. Summus Editorial, 2003.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Arquipelago Editorial Ltda, 2016.
- BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. Arquipelago Editorial Ltda, 2017.
- CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo literário. Brasília: Casa das musas**, 2010.
- DE ASSIS BRASIL, Luiz Antonio. **Escrever ficção: um manual de criação literária**. Editora Companhia das Letras, 2019.
- DE CARVALHO MARIANO, Agnes Francine. Eliane Brum e a arte da escuta. **Em Questão**, v. 17, n. 1, p. 307-322, 2011.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. Edusp, 2009.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas**, v. 1, p. 62-83, 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3 Curitiba: Editora Positivo, 2004
- GONÇALVES, Mariana Couto. O jornalismo literário no século XIX: a imprensa entre folhetins, crônicas e leitores. **XXVII Simpósio Nacional História**, p. 1-14, 2013.
- GRUSZYNSKI, Ana Cláudia; CALZA, Márlon Uliana. Projeto gráfico: a forma de um conceito editorial. **A revista e seu jornalismo. Porto Alegre: Penso**, v. 1, p. 203-220, 2013.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida (Pulsações)**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MAIA, Marta Regina. Perfil: a composição textual do sujeito. **A revista e seu jornalismo. Porto Alegre: Penso**, p. 176-188, 2013.

NETO, Lira. **A arte da biografia: como escrever histórias de vida**. Companhia das Letras, 2022.

ROCHA, Erika Amaro. **Design editorial de revista**. Curitiba: Intersaberes, 2022.

SCHWAAB, R. Revistas e instituição: a escrita do lugar discursivo. **A revista e seu jornalismo. Porto Alegre, RS: Penso**, p. 58-75, 2013.